

O HOMEM LIVRE

Ignorancia não é argumento

Repetir que "não é a consciência do homem que determina a sua existência mas, ao contrário, a sua existência social que determina a sua consciência", e isso com ou sem nenhum propósito, não é evidentemente o bastante para quem quer passar por marxista, como é por exemplo o caso do sr. Menotti Del Picchia. E a ele se pode responder, como Spinoza: "Ignorantia non est argumentum".

Já objetamos, e para isso enunciando os preceitos mais rudimentares do materialismo dialético, que o marxismo nada tem de fatalista. Mas o criador de tantas novelas não tomou conhecimento disso e preferiu, dando asas à sua imaginação, compor frases mostrando o que "é ser marxista".

"Na historia — diz Engels em "Ludwig Feuerbach" — nada acontece sem que haja uma intenção, conciente ou não desejada". Comtudo "acontece muito raramente que aquilo que se propõe se realize: na maioria dos casos, numerosos desejos e objetivos se entrecruzam e se combatem mutuamente. E' assim que o choque de incontáveis vontades particulares e de atos individuais criam sobre a cena historica uma situação em todo semelhante aos fenômenos que dominam na natureza inconciente". Assim, na historia, os homens, agindo, têm visto resultados bem diferentes dos que esperavam alcançar. Os bravos "sans-culottes" combateram e morreram pela "igualdade, liberdade e fraternidade". No entanto, a tarefa de que lhes incumbia a historia era apenas dar o poder à minoria burguesa. Mas com o seu seguro instinto obscuro, agia de accordo com os seus interesses de classe, concorrendo para a ruina do regime feudal. Até af nada demais.

Mas Marx, constatando as leis do desenvolvimento historico, descobriu que "toda a historia da sociedade não tem sido senão a historia das lutas de classes", abriu para a ciencia social novos horizontes. Os fenômenos historicos e politicos deixaram de se assemelhar às forças cegas que imperavam na natureza, e que também vão codendo a vontade do homem à medida que progredem as ciencias naturais. "A liberdade da vontade — diz Engels no "Anti-Dühring" — não é outra coisa senão a capacidade de decidir com conhecimento de causa". E acrescenta: "Não é no sonho de uma ação independente das leis da natureza, que consiste a liberdade, mas no conhecimento dessas leis e na possibilidade de as fazer agir sistematicamente, visando fins determinados". E politicamente o marxismo não é senão a ação conciente resultante da constatação das leis do desenvolvimento da sociedade contemporânea

e do papel que nesse processo cabe ao proletariado. Por isso é que dissemos que, em ultima analise, o advento do fascismo na Italia e na Alemanha é devido ao retardamento da aquisição, por parte da imensa maioria das populações, da conciencia de seus interesses.

Todos os que, como o sr. Menotti, e o numero dessas pessoas depois dos acontecimentos da Alemanha é grande, querem apresentar o fascismo como uma forma intermediaria necessaria de dominação politica, numa atitude fatalista, fazem conciente ou inconcientemente o jogo da reação. No caso do lider confederacionista temos uma atitude francamente reacionaria. Não é atoa que ele, ao mesmo tempo que "marxista" (1), se diz fascista. Não se pode afirmar que uma dessas duas palavras por calculo, como fez o fascismo alemão intituando-se "nacional-socialista", para efeitos demagogicos. Ali ha apenas uma despreocupada ignorancia. E no dia em que o autor do "Juca Mulato" for mais fascista do que poeta, terá a coragem de dizer as mesmas asneses de Plínio Salgado — a demagogia obriga — e deixará de lado definitivamente a meia duzia de truismos de que pensa ser constituído o marxismo.

Dizer que o regime não está maduro para a socialização dos meios de produção é querer desconhecer tudo o que hoje se passa no mundo. Entramos mesmo na fase do apodrecimento do regime capitalista, estagnado numa crise crônica. A esse respeito hoje ninguém tem duvidas. E por força das leis do desenvolvimento do regime, os países chamados atrasados conhecem as mesmas tragicas dificuldades que se manifestam nas nações mais avançadas.

Mas para o sr. Menotti o fascismo não é "um retrocesso, não é uma crise reacionaria", conforme a sua linguagem. As corporações, formas de organização correspondente às condições feudais de produção; o recurso aos preconceitos raciais; a exacerbação dos sentimentos nacionalistas da pequena burguesia; as vãs tentativas da abolição do emprego da maquina em alguns ramos da produção, na Alemanha, como meio de combate ao desemprego; a volta ao obscurantismo religioso; a destruição violenta das organizações politicas e economicas do proletariado; o machado de pedra, o pelourinho — tudo isso para o sr. Menotti constitui uma "fase preparatoria de profundas reformas sociais".

O fascismo é justamente o contrario do que pensa o antigo deputado parreista. As super-estruturas que, correspondendo ao sistema de produção contemporânea, têm a

suu base nas condições de existência do proletariado, e que se refletem seja na politica, na arte ou na ciencia, de um modo revolucionario, constituem justamente o alvo visado pelos bandos destruidores do fascismo. A "ideologia" do fascismo é inspirada nas superestruturas correspondentes a sistemas de produção vencidos pela história. A minoria dominante tem a conciencia de estar condenada a desaparecer como classe, e procura ajustar ao atual sistema de produção relações sociais e politicas que são produtos de condições diferentes. Longe do fatalismo menottiano vemos af a intromissão violenta dos fatores subjetivos no processo historico. Esse "ajustamento", executado a "maganelo", a oleo de ricino, por meio de fuzilamento e violencias de toda sorte, é a tarefa do fascismo.

O sr. Menotti del Picchia não podia deixar de investir também contra o que chama "os ultimos lampejos do democratismo burguês". A burguesia bateu-se pelas liberdades democraticas contra o feudalismo e suas sobrevivencias. Hoje, deante da ascensão revolucionaria do proletariado, que com ela formou no "terceiro estado", larga, está claro, todas as suas antigas palavras de ordem, tornadas para ela ameaçadoras. Deante da conciencia que vão adquirindo as classes trabalhadoras as palavras de ordem democraticas deixaram de constituir para as camadas dirigentes um meio de mistificação. Hoje, a ação mistificadora das minorias privilegiadas, apoiando-se na inconciencia das classes médias, se exerce através da demagogia fascista. A democracia, está claro, não pode ser aceita como uma finalidade. Constitui apenas um "modus-vivendi" correspondente a uma determinada correlação de forças, numa sociedade dividida em classes. Quando desaparecem determinadas liberdades democraticas, isso é um truismo, é que essa relação de forças modificou-se com prejuizo para as classes trabalhadoras.

O sr. Menotti del Picchia termina seu artigo dizendo que não tem outra preocupação senão "iluminar o seu caminho na procura de uma verdade scientifica". No caminho em que está vai mal. A ciencia, nos nossos dias, é também revolucionaria. E isso, para usar o unico argumento marxista do poeta, não convem talvez ao seu modo de pensar, condicionado ao seu modo de existencia social.

Frente Unica Anti-Fascista

Organizações que respondem ao nosso apêlo

A redação do HOMEM LIVRE

Respondendo à interpelação feita por esse jornal às associações pertencentes à Frente Unica Antifascista, o Grupo «Itália Libera», acha mesmo superfluo declarar que continua fiel ao compromisso publicamente assumido para com a F. U. A.

O secretário do Grupo Antifascista «Itália Libera»,
ITALO CARBONELLI

7 de Setembro, 1933.

Ào jornal antifascista «O Homem Livre».
Companheiros antifascistas.

A Comissão Executiva da Liga Comunista (bolchevique-leninistas) vem, por meio desta, responder à interpelação feita pelo vosso órgão às organizações que aderiram à «Frente Unica Antifascista».

A Liga Comunista declara que não desertou nem desertará nunca da luta contra o fascismo e que está pronta a reiniciar desde já a atividade antifascista dentro da F. U. A. Ela aproveita a ocasião para juntar ao vosso, o seu apêlo ultimo às organizações que aderiram à F. U. A. e que tomaram, assim, perante as massas proletárias, um compromisso de honra de lutar em frente unica contra a reação e o fascismo. As organizações que abandonarem o campo da luta anti-fascista e pelas liberdades democraticas deverão ser desmascaradas e denunciadas ao povo como organizações tapiadoras e desertoras.

As bases sobre que se ergueu a F. U. A. estão de pé. Na defesa destas bases perante as liberdades democraticas, a Liga Comunista está mais do que nunca disposta a marchar de mãos dadas com as organizações proletárias e pequeno-burguesas que queiram lutar. Viva a Frente Unica Antifascista!

S. Paulo, 15 de Setembro de 1933.

A Comissão Executiva da L. C.

Presados companheiros,
Saudações.

Estive, estou e estarei onde se combater o fascismo. Não abandonei a Frente Unica. Fui abandonado porém por companheiros desleais, aqui no «Brasil Novo», o que tornou a minha vida multipla de afazeres.

O meu não comparecimento não comportará em renuncia. Estou ao lado dos companheiros antifascistas. Saudações cordiais.

J. GUARANA' DE SANT'ANNA.
Diretor do «Brasil Novo»

Cultura, Intercambio e outras Armadilhas

Até há poucos anos Mussolini declarava mesmo aos que não queriam ouvi-lo, que o "fascismo, fenômeno tipicamente italiano, não era mercadorias de exportação".

Agora o "Duce" mudou radicalmente de ideia. (Mudar de ideia, para ele, é o mesmo que, para uma dama, mudar de chapéu ou de sapatos).

O fascismo, segundo a ultima declaração do seu fundador, é um movimento de caráter universal, destinado a mudar a conformação da terra. A revolução francesa de 89, por exemplo, é uma brincadeira de crianças ao lado da "revolução" fascista. Antônio Torres, numa das suas "crônicas cariocas", injustamente olvidadas, ria-se daquele admirador fanático de Ruy Barbosa que julgava ser o ex-conselheiro de D. Pedro II maior do que Deus, porque o Padre Eterno trabalhou apenas 6 dias, entregando-se depois á eterna vadiagem, enquanto que Ruy Barbosa, depois de cinquenta anos de atividade, continuava na brêcha.

Na Itália escreveram-se coisas semelhantes e peiores. Existem "pensadores" do regime mussoliniano que chegaram a afirmar que o fascismo constitue a maior renovação e o maior movimento humano depois da vinda de Cristo.

(A propósito do cidadão Jesus de

Nazaré, deve-se recordar o que escreveu o próprio Mussolini, isto é, que a propaganda do filho de Maria teria fracassado miseravelmente, si São Paulo não houvesse providenciado, em tempo, em dar ao cristianismo primitivo o carimbo da romanidade — porque, como declarou solenemente Giosuè Carducci numa das suas "Odi Barbare": "Tudo o que no mundo é civilizado, grande e Augusto, é também "romano". E' por essa simples razão que o "dr." Plínio Salgado, quando quiz beber na fonte da inspiração e do entusiasmo, teve de arrumar malas para Roma, seguindo o exemplo do seu amigo e colega Simón Bolívar...)

Lógo, o fascismo é a nova fé do mundo e, Mussolini, o novo Messias. Si os brasileiros ergueram em honra de Cristo um monumento colossal no Corcovado, o "Duce", ao que in forma ultimamente um telegrama precedente de Roma, mandará levantar em sua própria honra uma estatua de cento e setenta metros de altura na capital italiana. Entrementes, afim de não perder tempo, ele proclamou por um decreto real o advento da E'ra Fascista, obrigando os jornais, os funcionarios publicos e os próprios cidadãos privados a calcular a vida do mundo da marcha sobre Roma em diante. Aqui, em nosso São Paulo, existem jornais italianos que, ao lado da gra "vulgar" colocam a outra, a verdadeira:

"Ano XI da E'ra Fascista". Para fanaticos da Camisa Preta, a humanidade surgiu das trevas em Outubro de 1922. Antes, como diz o "Genesis", era o Caos.

Colsa de vaudiville e de taponas... Agora o "Duce", considerando que a terra do "povo eleito" já está suficientemente iluminada, e após ter ordenado ao Principe Starbemberg de fascitizar a Austria e mandado Léon Blum vestir a camisa preta em Karl Marx, pensar também em nós, ultimos miseros restos do triste mundo infiel.

E, na sua alta benevolência, decidiu de mandar — como "portadores da luz" — dois missionarjos da verdadeira fé.

Os apóstolos enviados á America, "ante os ovelhas perdidas da casa de Israel" são os professores Gino Arias e Mássimo Bontempelli, este, membro dessa Academia de Itália onde D'Annunzio recusou entrar considerando-a "uma cocheira de burros e jumentos".

E' claro que os dois evangelizadores não viajam á moda dos onze discipulos do Rabj de Galileia. Arias e Bontempelli não se apolam no bordão do peregrino, mas, ao contrario de Simão Pedro e de seus companheiros, "possuem muito ouro e muita prata em seus cintos", porque o "Duce" itálico paga bem os seus apaniguados.

(Continua na 2ª pag.)

Ramon Gomez De La Serna e o Fascismo

O grande escritor espanhol Ramón Gomez de la Serna — tendo passado por Santos de volta da Argentina — foi entrevistado a bordo pelo reporter do «Diario de S. Paulo». Dessa entrevista extrairmos o seguinte trecho com referência ao perigo fascista na Espanha.

«Não me seria possivel responder afirmativamente sobre a existência desse perigo, porque até agora o povo espanhol não acabou de digerir o cosido indigesto em que resultou a experiencia «fascista» de Primo de Rivera. Em todo caso acho que mesmo sem a possibilidade do povo querer repetir o prato, devemos nos prevenir contra qualquer surpresa. Da minha parte, digo, ao «Diario de S. Paulo», que volto á Espanha animado do maior desejo de luta para evitar o aparecimento ali das camisas de qualquer cor».

O DILEMA DE CUBA

Sobre a pureza genealógica dos chefes fascistas

A hora das convulsões políticas soou para Cuba. O pampelero revolucionário chegou a outrora próspera república insular depois de ter feito a volta de todo o continente latino-americano.

É um fato já proclamado que a cadeia de economia mundial quebra sempre no elo mais fraco. Os países coloniais ou semi-coloniais não podem atravessar incólumes a crise econômica mundial.

Cuba é um exemplo clássico de uma economia de aluvião. Não é só o socialismo que não se pode fazer num país isolado, o próprio capitalismo é impossível numa ilha só. A Inglaterra não viverá um dia sem as suas colônias. A antiga possessão espanhola chegou tarde de mais, ou não foi favorecida pelo destino, para conquistar um império. O resultado é que passou a fazer parte, mesmo contra a vontade, de um novo império. Arrebatando-a à Espanha, os Estados Unidos deram aos cubanos a liberdade de se integrarem na órbita do capitalismo americano.

O primeiro surto de expansão do jovem imperialismo lanqui se limitou aos mares adjacentes; a ilha hispano-americana se achava dentro de seu raio de ação. Cuba tornou-se uma espécie de Irlanda estadunidense. Sob três aspectos, Cuba interessava à burguesia do pavilhão estrelado. Pela sua posição estratégica, sentinela entre o golfo do México e o mar das Caraíbas, pelo seu mercado na vizinhança da expansão industrial em início, e como fonte de absorção de capitais já em disponibilidade na república dos dólares.

Vitoriosos sobre a arruinada coroa espanhola, os Estados Unidos, trajados de paladinos da independência do povo cubano, lhe deram um governo "autônomo", uma constituição republicana e a emenda Platt. Depois, então, lhe foram dando dinheiro, gramofones, trilhos, automóveis, etc. Tudo o que queriam. J. P. Morgan, entre outros filantropos mundialmente festejados, tinha para Cuba a sua burra sempre aberta. Tanto que, por volta já de 1900, esse generoso banqueiro, com outros de seus colegas de Wall Street, possuía o controle absoluto sobre a produção do açúcar cubano. Depois do açúcar, ou melhor paralelamente com este, as estradas de ferro passavam às mãos dos colegas de Pierpont Morgan, os Rockefeller e Cia.

Em pouco tempo, o país todo estava cruzado pelas rédes poderosas da Electric Bond and Share, da International Telephone and Telegraph Company, do Chase National Bank, do National City Bank, The American Car and Foundry Company, etc. Um autor lanqui teve mesmo a franquesa de constatar que os cubanos eram, em 1933 muito menos proprietários das riquezas de seu país, do que em 1895, por ocasião da "independência". Trinta anos depois da fundação da república, Cuba já tinha gasto para mais de 2.000.000.000 de dólares no serviço da dívida externa.

Hoje, em que a república cubana jaz sob os efeitos da derrocada de sua economia, não faltam os publicistas, e até mesmo políticos americanos, que condenem a prodigalidade dos banqueiros de Wall Street para com a megalomania desvalrada dos tiranos a Machado, prestando o apoio de sua bolsa aquela política de desregramento.

de caprichos nababescos, de crimes, de aventuras e de prostituição. Certos homens públicos dos Estados Unidos entraram, agora, depois das portas arrombadas, a tomar um ar sítilo, de condenação à política econômica e financeira americana na ilha "crucificada". Estes críticos comodios esquecem, ou fingem esquecer, que essa "prodigalidade leviana" dos banqueiros lanquis é uma regra clássica da penetração imperialista e é ditada pelas necessidades imperiosas da acumulação capitalista. Os capitais disponíveis precisam emigrar afim de "fecundar" outras paragens e forjar novos mercados para a produção industrial da metropole.

Essa "prodigalidade" teve por resultado, tornar a pequena ilha, com sua minúscula população, no sexto mercado em valor para a indústria americana. Enquanto Cuba foi sugada, como uma vasta exploração tropical escravagista, pelo fisco rotineiro da monarquia espanhola, a sua classe dominante de senhores latifundiários, assentados sobre o lombo negro do escravo, vivia provincianamente isolada dentro dos estreitos confins de sua ilha.

Mas a produção capitalista é uma volante vertiginosa, cujo deslocamento de ar arrasta tudo que fica à sua vizinhança. A monocultura, por seu lado, é um maquina de perfuração em espiral.

Cuba fez a sua independência, proclamou a república, aboliu a escravidão de uma só vez. O caráter da exploração tropical e a monocultura permitiram essa passagem brusca, essa transformação "direta". Abolida a forma de produção escravagista, a monocultura, sob o acelerador frenético do capitalismo, começou a crescer em proporção geométrica. Empréstimos, concentração da força de trabalho e do capital sobre a mesma produção, a canalização de crédito para a mesma atividade produtora, a adaptação simplificada das forças produtivas nacionais às exigências do mercado exterior, eis o que significa a monocultura. Ora tudo isso facilita ao extremo a concentração e o controle da produção pelo capital financeiro. Em Cuba, a essas "vantagens", vieram acrescentar-se outras circunstâncias extra-econômicas, como a sua posição geográfica e a sua vizinhança dos formidáveis mercados americanos. O resultado é que o ritmo do desenvolvimento da monocultura açucareira, sob a forma de capitalismo agrário, foi ainda maior do que o da monocultura do café entre nós.

A rapidez da passagem para o modo de produção capitalista junto com a unidade econômica da ilha, fez com que se conservasse a mesma estrutura social da propriedade reinante na colônia. A grande propriedade latifundiária ainda é lá uma maioria esmagadora. Sobre esta base, levantou-se, de um dia para outro, o mirabolante edifício da indústria açucareira que abrange oitenta por cento da produção nacional. Nestas condições objetivas, de uma extrema simplificação econômica, dentro de uma geração, a propriedade fundiária como a industrial, correlata da cana e da fabricação do açúcar, se desnacionalizavam, passando para os solícitos capitalistas autonomia da antiga colônia espanhola. A invasão do capital financeiro, re-

volucionando a economia agrária pa-americana, campeões generosos da triarcal-escravagista, caracterizada pela sua técnica inferior e rotineira e sua rudimentar divisão social do trabalho, cristalizou os diversos grupos sociais, fazendo da maioria da população indígena, isto é, das massas rurais ainda mal diferenciadas, uma categoria social bem definida de assalariados. Acima desta massa, ergue-se uma casta parasitária de funcionários e militares, diretamente a soldo do imperialismo lanqui e uma burguesia nacional intermediária entre Wall Street e o mercado interno. É isso o que se chama uma burguesia de "compradores".

No período de ascensão econômica generalizada, Cuba conheceu também a euforia da "prosperidade" americana. A economia insular parecia assentar-se sobre uma estrutura verdadeiramente própria e estável. Mas tudo era aparência. O capitalismo que prosperava em Cuba era um tipo clássico de capitalismo de "compradores". O capitalismo cubano é apenas uma corria de transmissão entre o capital financeiro lanqui e os recursos nacionais. No dia em que o mercado estadunidense se mostrou saturado e o fatídico craque de Wall Street, explodiu, fechando à ilha novos empréstimos e novos créditos, a catástrofe irrompeu ainda mais violenta e vertiginosa do que o surto prodigioso dos anos passados. Cuba caiu arruinada.

Heje é que se vê, em toda clareza, o papel miseravelmente secundário, intermediário, sem nenhuma base autônoma, da burguesia nacional insular. A sua função política é assim nula. É o que explica o papel preponderante desempenhado, na arena política, pelos estudantes e pelos oficiais do exército. Os estudantes são ali uma verdadeiro força política, que faz presidentes, derruba presidentes, e negocia com os representantes oficiais do governo de Washington. Em baixo de todas essas camadas sociais, que giram na superfície com o automatismo e a inconsciência de bonecos de Guinol, fornece a imensa maioria da nação, o proletariado urbano e rural, devorado pela miséria e o desemprego. Com os homens desta classe, porém, o embaixador Welles não conferenciou...

Em pleno primitivismo político, ainda assim as massas proletárias cubanas impõem a sua presença em todos os acontecimentos políticos ali ultimamente desonrados. A sua presença ainda inconciente chega, porém, para introduzir uma cunha separadora no aglomerado mais homogêneo do país, — nas forças armadas nacionais, empurrando os oficiais superiores para a direita, a serviço dos banqueiros de Wall Street, e os sub-oficiais, para a esquerda, no campo popular mas confuso da pequena burguesia indígena. Os sub-oficiais e os estudantes são como dois partidos pequeno-burgueses. Entre as massas assalariadas, do lado esquerdo, e o punhado de banqueiros e proprietários estrangeiros e nacionais, do outro lado, eles ficam dançando sem posição definida. Mas Cuba não tem mesmo outra saída: ou entrega-se a Roosevelt, ou a K. Marx...

R. M.

Como é universalmente sabido, os fascistas baseiam a própria doutrina nas bobagens do orgulho e da pureza da raça e da nacionalidade.

Agora, por um curioso contraste — quasi todos os pregadores do nacionalismo foram e são estranhos aos meios em que se fizeram.

Chamberlain, o profeta do pangermanismo, era inglês, enquanto Disraeli, uma das colunas fundamentais do imperialismo britânico, é ra um judeu de Veneza. Hitler é austriaco, enquanto o mais original dos teóricos do fascismo italiano, Curzio Malaparte, é cidadão bavaro e chama-se, na realidade, Kurt Suckert.

O mais jalador dentre os nossos patrianovistas, que tanto batem na velha tecla da raça, tem um nome italiano: Pagano. O mesmo diga-se do poeta do verde-amarelismo: Menotti del Picchia.

O menino Miguel Reale, esperança e gloria dos hostes integralistas, não só é filho de estrangeiros, mas estudou até ontem numa escola fascista, controlada pelo consulado italiano de São Paulo: o Instituto Medio Dante Alighieri.

Não falamos aqui da pureza da raça de Arlindo Veiga dos Santos, brasileiro da gema e descendente em linha reita de João Ramalho.

Os novos bandeirantes que dominam o povo paulista são da família dos Ubirajara, Paraguassu, Tibiriçá, etc., tanto que se chamam: Matarazzo, Jafet, Crespi, Martinelli, Simonsen, Weijlog, Bulow, Zerrenner...

M. A. Jr.

Cultura, Intercambio e outras Armadilhas

(Continuação da 1.ª pag.)

A primeira etapa dos dois apóstolos fascistas foi Buenos Aires; mas lá os negócios foram máus. Gino Arias deveria ter realizado um curso de conferências na Universidade de La Plata, mas os universitários argentinos, num gesto de dignidade e hombridade, impediram que o enviado de Mussolini conspirasse com a sua presença a Escola da Nação vizinha. Massimo Bontempelli não teve mais sorte do seu parceiro. Um telegrama da "Havas" informou-nos que uma sua conferência teve um extraordinário sucesso de insultos e vátas, a ponto do orador ver-se obrigado a correr à polícia para não ir de encontro a coisa pior.

A lição argentina deveria ter bastado aos dois menestrájs. Nada disso, porém! Corridos da capital portenha, eles vêm arriscar o jogo em S. Paulo. Mussolini deve ter dito, com certeza, aos seus capangas, as palavras do Primeiro Evangelho: "Quando, pois, vos perseguirem em uma cidade, fugi para ouara". E, assim, caber-nos-á engulir à força Arias e Bontempelli.

...

Quem são afinal, esses senhores? Gino Arias, que ha dez ou doze anos era um ilustre desconhecido, fez fortuna sob o governo de Mussolini, transformando-se de professor em rufião. Na Itália, é conhecido como O Falsificador da estatística.

Na imprensa fascista ele é encarregado de justificar e exaltar "cientificamente" todas as besteiras do fascismo. Dizem ser ele o autor desse manual de polícia anti-operaria que é a "Carta del Lavoro". Gino Arias é judeu — e apesar de tal, homenageou Hitler. Na qualidade de cidadão italiano, já ele havia glorificado o porrete fascista desancado sobre as costas dos seus potricios.

Massimo Bontempelli, como já dissemos, é acadêmico. Ser acadêmico, na Itália nada significa. Qualquer analfabeto, desde que seja fascista, pôde ser membro da Academia da Itália.

Até o advento do regime mussoliniano, a Península não conheceu a necessidade de tal feira de vaidade.

Giordano Bruno ufanava-se de ser "acadêmico de nenhuma academia". Todavia Mussolini, tendo ouvido contar que ha seculos passados um certo cardeal de Richellu fundou a academia de França, não pôde eximir-se de ter a sua Academia. E, na falta de coisa melhor, revelou-a de Morinetti e Bontempelli. Dizem que este é escritor e comediógrafo. É possível. Com efeito, por ocasião de sua chegada a S. Paulo, parece que será lançada uma peça de sua autoria por iniciativa de alguns artistas amadores da colônia italiana.

Ha-de ser algo de parecido com o "Mártir do Calvario", representado na Semana Santa nos circos de cavallinhos.

Nos primeiros anos do governo mussoliniano, Bontempelli era redator do jornal antifascista "Mondo", fundado em Roma pelo conde Francisco Matarazzo (trata-se do mesmo Matarazzo das Indústrias Reunidas de S. Paulo...)

Nessa época a ditadura fascista parecia condenada a afundar de um momento para outro, e porisso o honesto Bontempelli jogava com os baralhos antifascistas. Quando o fascismo se consolidou no poder, esta flôr de honestidade não podia deixar de vestir a camisa preta. A inteligência da Nova Itália é toda assim.

Apresentados os dois missionários, atentemos para o escôpo de sua viagem. Que vêm fazer estes senhores no Brasil? Quem os chamou? Quem precisa deles?

As comunicações oficiais dizem que Arias e Bontempelli procuram trabalhar em prol do intercambio cultural italo-brasileiro. Uma óval! Esses senhores receberam ordens taxativas de fazer a propaganda em favor da política do governo mussoliniano. E porisso mesmo que eles foram corridos da ponta-pés da capital portenha.

O intercambio cultural nunca será obra dos governos. O exito que a literatura francesa teve sempre no Brasil, não é o futuro de nenhuma missão de "imortais".

Para ler o que vale a pena ser lido, os brasileiros não precisam dos conselhos de Arias e do seu parceiro. As boas obras se fazem conhecer por si mesmas. Os editores brasileiros nunca puderam em circulação tantas obras de autores estrangeiros como atualmente.

De outro lado, o governo fascista não está habilitado a falar em nome da cultura e do pensamento que, na Itália, foram rebaixados à função de corrupção e dominação.

Um regime que faz morrer no exílio Gobetti, que faz morrer Gramsci nas galés, que mandou esbofetear Toscanini, que expulsou da cátedra universitária Vito Volterra, que ordenou o incendio da casa e da biblioteca de Benedetto Croce, que organizou o boicote contra as obras de Roberto Bracco e mandou incendiar centenas de Universidades Populares e milhares de bibliotecas operárias, não tem o direito de falar em nome do pensamento e da cultura.

Bontempelli e Arias vêm fazer propaganda em favor desse regime de opressão e de obscurantismo, servindo-se das rançosas bobagens à base do intercambio e da afinidade de raças.

É um dever dos homens livres denunciar a manobra jesuitica destes policiais-intelectuais do fascismo!

A. Z.

C. I. SOUZA NOSCHESI S/A

Rua Julio Ribeiro, 33
Teleph. 9-0378 e 9-2167

Fabricantes de APARELHOS
SANITARIOS
E DOMESTICOS

SÃO PAULO
Rua Libero Badaró, 15
Teleph. 2-2966
End. Telegr.: Fundação

A COOPERATIVA
MOVEIS E TAPECARIAS

Rua José Paulino, 80-A
Tel. 4-0918

CASA MILION

ALFAMAARIA E
ROUPAS FEITAS

Rua Sta. Epifigenia, 129

Malharia Loslowski

Rua José Paulino, 80
Tel. 5-4163

Cronica do Fascismo

"O HOMEM LIVRE" publicou, num de seus números passados, uma crônica da repressão fascista nas prisões de Ponza, extraída de "L'Informazione Italiana". A notícia que damos abaixo, procedente da mesma fonte, completa a primeira. Por ela, podemos constatar que, a despeito de todas as afirmações dos propagandistas do "fascio", a repressão na Itália aumenta e que as "anistias" concedidas há alguns meses não passam de tapeação e, — em última análise, de um dos processos demagógicos de atirar areia nos olhos dos ingenuos.

DEPOIS DO ESCANDALOSO PROCESSO DE NAPOLES

"O processo dos 152 "confinados" de Ponza, que terminou reacionariamente pela condenação de todos os acusados, teve grande repercussão e provocou inúmeros protestos na Itália e no estrangeiro.

Os condenados recorreram. No entanto, por serem "confinados", continuam, abasivamente, nos cárceres. A apelação será deferida durante o mês de agosto, isto é, quando a maior parte da injusta condenação já estiver cumprida.

Como proceder, então, com os "confinados"?

Responderemos: a portaria, cuja execução era e é impossível, e que foi baixada com escopo reacionário e provocador, deve ser retirada, si não se quiser transformar o "confinamento", de medida policial preventiva que é, em reclusão perpetua.

A portaria visa tornar impossível a vida dos deportados.

E' o prelúdio de um plano completo de desmoralização e violências fascistas para quebrar a resistência dos deportados e obrigá-los a pedir o "agraciamento".

A prova disto reside no fato de que apesar dos protestos e da prisão desses 152 antifascistas, outras denúncias e outras prisões foram efetuadas em Ponza sobre a base da inaplicável portaria.

Durante a prisão dos 152 e mesmo depois, diversos parentes dos confinados presos, entre os quais a mulher do comunista Persiani, de Nápoles, foram ofendidos e espancados.

A provocação chegou a tal ponto que muitos confinados se entregaram às prisões, afim de encontrar uma saída para essa insuportável situação.

Outros, ainda, pediram para ser transferidos para Centotene e Ustica, embora sejam ilhas de punição.

A tanto chega a ferocidade fascistas."

"Ao mesmo tempo, em Nápoles, os confinados condenados estão submetidos a um tratamento "especial".

A todos é proibido comunicar-se e mesmo falar com os parentes, mesmo aqueles que, como Giorgio Amendola, têm parentes no lugar ou nos arredores.

A "confinada" Lea Ciccaglia, doente de tuberculose que teve, nestes últimos dias, graves ataques de hemoptise, foi negado entreter uma palestra com seu velho pai, vindo de Bolonha para ver a filha. A policia de Nápoles proibiu-o, declarando ter ordens superiores nesse sentido."

"Muitos foram os protestos levantados contra a portaria e contra o processo que constituiu a sua primeira consequência. Em muitos bairros de Paris, Saint-Ouen, Ivry, Bagnolet, Saint-Denis, Villeneuve-Saint-George, Menton (onde o consul fascista que

havia provocado os operários levou uma surra), Annency, Grenoble, Lião; na Suíça, em Zurich, Basileia e Hüninque; em varias cidades americanas, realizaram-se muitas reuniões de protesto, aos gritos de: "Viva os 152 confinados de Ponza", "Exigimos a libertação dos confinados", etc."

Depois do assassinato de Palmital

A imprensa desta capital já relatou nos seus mais horríveis pormenores a façanha do filho do "coronel" Braga, administrador da fazenda "Macaco" de Palmital, que impellido somente pelos instintos da brutalidade e por penhores despoticos assassinou friamente o colono italiano José Sisti.

Ao que se sabe, a vitima (que desde muito tempo não recebia um tostão sequer do ordenado que lhe era devido) depois de ter sido brutalmente insultado e de ter aguentado com evangelica paciencia todas as injurias assacadas contra elle — foi agarrado pelo valente "filho do pai" que lhe descaregou á queima roupa varios tiros mortais.

Não se dando por satisfeito com esse crime, o celerado tentou assassinar tambem uma filha do morto, mocinha de quatorze anos.

Dizem os jornais que o assassino — talvez uma das esperanças da futura pátria integralista — está passando tranquilamente pelas ruas de Palmital sem que as autoridades policiais se atrevam a deitar-lhe a mão no ombro.

A coisa não é para admirar. O moço que estreou não brilhantemente na função de capitão-de-mato não irá para a cadeia. E si isso acontecer, a comedia será para inglês ver: u mha-beas-curpus inteligentemente motivado, arranjará ludo.

Seja como for, si processo houver não dará dores de cabeça nem ao assassino nem ao pai coronel, tambem porque a órfã do colono não terá dinheiro para o advogado e, mesmo, si o tivesse, não achará neste mundo um juri disposto á condenar um joven de boa familia, elemento respeitavel da "alta sociedade".

A cadeia não foi inventada para os delinquentes de colarinho duro, mas simplesmente para o pobre coltado e para o operário que tiver a cusadia de pedir uma qualquer melhoria de ordenado.

Agora, considerações como essas que acabamos de fazer, si parecem lógicas e naturais em homens da vanguarda, são absurdas e nojentas, quando feitas pelos fascistas; quando fomos, por exemplo um jornal fascista (v. "Il Corriere degli Italiani" do dia 18 deste mês) estas palavras: "O tal administrador da Fazenda "Macaco" que matou brutalmente o nosso patrio Sisti ainda livremente pelas ruas de Palmital. Na nossa terra (esse individuo) teria sido já condenado aos trabalhos forçados" —

Não senhores! O que se deu em

Palmital se deu e está se dando em todo mundo. E um episodio dessa luta de classe que Mário Pinto Serva diz ser uma descoberta criminosa do judeu Karl Marx. O fato que se passou em Palmital, que o jornal fascista condena tão veementemente, na Italia fascista está na ordem do dia.

O fascismo subiu ao poder passando por cima de montões de cadáveres e afundando os pés em charcos de sangue.

Não precisamos relembrar aqui os nomes mais conhecidos dentre os milhares de adversários do fascismo assassinados da maneira mais brutal.

O'ra, ninguém foi preso em consequências destes crimes.

Não é só: aquéles que mais se distinguiram nessa obra infame, tiveram todos um prêmio á altura de barbaridade cometida. Com efeito, Mussolini que deveria estar na cadeia e presidente do Conselho, e os capangas do fascio que não alcançaram o lugar de ministro, são pelo menos generais da milicia.

A cadeia na Italia não funciona para os grandes criminosos, como acontece em qualquer lugar. Os escribas fascistas sabem muito bem disto.

Escrevendo o que acabamos de citar mentem sabendo que o fazem.

JUCA PIRAMA.

Tipogr. Frankenthal

Rua José Paulino, 49
Tel. 4-6066

CORRESPONDENCIA DE "O HOMEM LIVRE"

N. NOTARI — Rio de Janeiro — Sua carta, redigida com bastante vivacidade, não pode ser publicada em nosso jornal por ser de interesse muito particular da colonia italiana. Passamo-la a um jornal antifascista italiano que julgará sobre a oportunidade de sua publicação.

S. R. — Baurú — Recebemos sua missiva com as importancias correspondente a uma assinatura anual e tres trimestrais. Agradecemos.

M. — Ignacio Uchôa — Recebemos e agradecemos.

TERESA MACHADO — Rio de Janeiro — A companheira tem ideias claras a respeito do fascismo, "que nos transporta no obscurantismo da idade média". Continue.

UM JOVEM COM PORTUGUES — Rio de Janeiro — Existem, em sua carta, um sem número de confusões e frases feitas aprendidas em cartilhas de duvidosa seriedade. Bem melhor seria no comp. observar para a evidencia dos fatos e não se deixar levar por quem, contra o fascismo, nada fez e nada quer fazer nem aqui, nem em parte alguma do mundo. Atente para o que fizeram aqui, contra a Frente Unica Antifascista: balcote aberto e claro, com o único fim de criar confusões.

A. G. — Terezopolis — Estado do Rio — Agradecemos e respondemos por carta.

A SECRETARIA

A CONSPIRAÇÃO CONTRA A AUSTRIA

Na ocasião em que a imprensa de todos os países anunciara uma ruptura das relações austro-alemãs — e quando até se falava de conversações officiosas visando um compromisso — o «Reichspost» de Viena, órgão oficial do partido cristão-social austriaco, dedicou um numero especial á publicação de uma série imponente de documentos. sensacionais.

Sob o titulo: «A conspiração contra a Austria, documentos e «dossiers», o jornal governamental revela que a Alemanha oficial, Hitler á testa, com o Bureau dos Negócios estrangeiros do partido nacional-socialista, dirigido por Rosenberg, com a colaboração ativa da legação da Alemanha em Viena, e, enfim, com a participação pessoal de Rieth, ministro do Reich na Austria, preparou uma vasta conspiração com o fim de anezcar o mais rápidamente possível a Republica Austriaca á Alemanha. Nesse sentido, foi estabelecido um plano completo de sabotagem da vida econômica do país, um método preciso conduzido ao esfomeamento do povo austriaco, e uma propaganda furiosa destinada a minar a moral da população.

Reproduzimos alguns dos mais caracteristicos documentos publicados pelo «Reichspost».

A EMBAIXADA ALEMÃ EM VIENA, CENTRO DA CONSPIRAÇÃO

Depois de sua interdição na Austria, o partido nacional-socialista fundou uma organização ilegal denominada: Associação para a colaboração cultural na Europa do Leste e do Sul. Esta associação tinha sua sede social em Viena, á Brandpauze, n. 4. Um tal Josef Leo Valenta desempenhava as funções de secretário geral. Outro bureau, servindo de sucursal, estava instalado no n. 27 da Berggasse, era dirigido pelo desenhista Hugo Emil Ulrich e por Hermann Kube.

Os dois bureaux mantinham ligações estreitas com a secção dos Negócios Estrangeiros do Partido nacional-socialista, submetida á autoridade do chanceler do Reich.

A embaixada do Reich em Viena facilitava a ligação entre a organização clandestina vienense e o N. S. D. P.

O objetivo desta organização não era a tomada do poder na Austria, mas, antes, o esmagamento dos adversários politicos.

Os dirigentes da associação organizaram um "serviço de verificação" destinado a espionar as engrenagens do poder executivo austriaco.

Eles se propunham, tambem, criar uma legião austriaca na Alemanha e sublevar os industriais e os agrários contra o governo (Plano de um tal doutor Friedrich von Siegler).

A associação ilegal projetava organizar uma vasta propaganda de sabotagem dos trabalhos publicos (por exemplo: a sabotagem dos trabalhos de electrificação das estradas de ferro na Austria, etc.).

Conforme o projeto do correspondente nazi do Germania em Viena, Gilbert In der Maur, os nazis austriacos deviam comprar as Wiener Neueste Nachrichten afim de estender o seu campo de espionagem até os ministérios.

A LIGAÇÃO ESTA ESTABELECID!

Nationalsozialistische Deutsche Arbeiter Reichsleitung
Aussenpolitisches Amt.
Hauptabteilung IV. Brief. Buchniv. Sch. D.

Berlin, der WS, 18 juli 1933.
Wilhelmstrasse 70 a.

A' Embaixada da Alemanha, Viena.

Acusamos recebimento de vossso ultimo despacho, a que agradecemos.

Folgaríamos em receber o correio austriaco pela mesma via e vos pedimos — no caso de se tratar de despachos dessa natureza — endereçar a vossa correspondência á secção dos Negócios Estrangeiros do Reich (sr. von Schneider).

Saudações alemãs.

Schneider.

Chefe da secção IV.

"TUDO O QUE QUIZEREM, MAS NÃO PODEMOS FRACASSAR NA AUSTRIA"

Extrato de uma cartar de Schneider ao seu irmão em Viena:

"Um symptoma favoravel: principia-se a sentir mais perturbados aqui no Ministério dos Negócios Estrangeiros. O sub-secretário de Estado Bulow (que substitue von Neurath) adiou para amanhã a conversa com Habicht, de quem deseja ter informações minuciosas sobre o que se passa na Austria, acerca de nosso modo de agir.

Ele receia sobretudo — que os estrangeiros intervenham muito cedo, o que o colocaria, sob o ponto de vista da politica estrangeira, numa situação desfavoravel.

"Eis até onde conduz a inércia desses idiotas do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Eles nada fizeram até agora, pensando que a Austria lhes caisse na boca como uma fruta madura. Agora, eles estão possuídos de terrível ansiedade e têm um só pensamento: "Tudo o que quiserem, mas não podemos fracassar na Austria".

10.000 MARCOS POR MES PARA A SECÇÃO DE VIENA

Do relatório de Schneider, enviado a seu irmão, diretor do bureau hitleriano da secção de Viena, deduz-se que, mesmo depois da interdição do partido nazi na Austria, os seus dirigentes pediam ao governo alemão os fundos necessários:

"A secção de Viena precisa de... 10.000 marcos por mês. Tenho comigo uma carta de Frauenfeld, que dá os detalhes justificativos a esse respeito. O irmão de Frauenfeld se encontra em Munich, onde frequentemente o visitam pessoas de Viena que passam clandestinamente as fronteiras, para submeter-lhes os relatórios.

"Já é tempo que o próprio Ulrich (o diretor do segundo bureau politico de Viena, N. d. R.) se decida a vir a Berlim para mostrarmos o seu relatório..."

A SABOTAGEM DOS TRABALHOS DE ELETRIFICAÇÃO DAS ESTRADAS DE FERRO

A secção ilegal dos nazis em Viena pode obter — ainda não se conhece por que meios — uma cópia do contrato firmado por um grupo de industriais franceses e as grandes companhias A. E. G., Brow-Boveri e Elin, para a electrificação da estrada Salzbourg-Hinz. O contrato foi imediatamente enviado a Berlim pelo correio da embaixada alemã em Viena. Ora, sabe-se, por meio de correspondência alemã apreendida na Austria, que o embaixador Rieth foi visitar o diretor da A. E. G. mostrando-se contrariado pelos termos do contrato:

"Não estou de acôrdo com essa transação" declarou textualmente o embaixador. E Schneider acrescenta que seu secretário, Hans Dit, que falou a esse respeito com o chanceler Hitler, recebeu d'este a seguinte resposta: "Porque sabotar a execução do contrato? Deixem os franceses construir tranquilamente essa estrada. De qualquer modo, eles não poderão tirar os trilhos, mais tarde. E isto é muito bom".

"MANUAL ORTOGRÁFICO"

POR UM PROFESSOR

Com prefacio de Medeiros de Albuquerque. Aprovado pela Federação das Escolas de Comércio de S. Paulo

PREÇO 12\$000

A' venda em todas as livrarias

Gráfico Editora Unitas Ltda.

Composto e Impresso na Typographia PAULISTA — J. Bignardi & Cia. — R. Jandaia, 10 e 12 — S. Paulo

“Os arreganhos do fascismo”

Sob este titulo o nosso confrade «Diario da Tarde» que se publica na capital do Estado do Maranhão, insere no seu numero de 29 de agosto ultimo, o artigo que abaixo transcrevemos prazenteiramente e que é uma amostra da acolhida que o integralismo teve no norte do país:

«O jornal «O Homem Livre», que se publica em S. Paulo, disse, já, referindo-se á milagrenta panacéa descoberta pelo sr. Plínio Salgado, com a qual se propõe esse cavalheiro colocar o Brasil nos cornos da lua, que, «não existindo na «doutrina» integralista nenhuma orientação filosófica, social ou politica, torna-se impossível qualquer refutação ás «idéias» contidas nas referidas publicações (livros e folhetos de propaganda) «mosaicos de desonestidades intelectuais e afirmações demagógicas.

Isso tudo, aliás, já nos fóra dado verificar.

Mas, não nos ficaria bem usar das manieiras integralistas, fazer como os «camisa-oliva», que, após declararem, dogmaticamente, «ameaçadas pelo comunismo a Religião, a Família, a Propriedade, o Indivíduo, a Patria» e quando a gente pensa que esses cavalheiros nos vão dizer, em alto e bom som, as razões de suas afirmativas, eles fecham-se em cópas, numa atitude esfingética, com um riso alvar nos lábios, assustados da propria audácia em proferir uma coisa que ignoram...

Não nos sentiríamos bem, não nos julgariamos dignos da confiança do Povo, si, depois de dizermos, como dissemos, que as idéias da «Ação Integralista» denunciam o intuito unico de mistificar e traír á massa trabalhadora, não nos dessemos pressa em explicar por que o fizemos.

E é por isso que vamos mostrar mais de perto essas idéias, explanadas de modo tão enigmático, tão cheio de subterfugios, que difícil se torna, áqueles que não se acham iniciados nos «mistérios integralistas», chegar a uma conclusão lógica acerca de tão estapafúrdia doutrina.

Leiamos o «Manual do Integralista» e analisemos isto:

«O integralismo encára a Sociedade como a reunião de seres humanos, que devem viver em harmonia, segundo os superiores destinos do Homem».

Mais diante.

«O Integralismo entnde o Homem como um ser de triplíce aspiração: material, intellectual e moral».

Edificante! Portentoso!

E a gente, que nunca se havia apercebido de tal!...

Francamente! Deste geito os «cumisas-verdes» acabarão por descobrir que a ponta de uma agulha imantada posta horizontalmente na extremidade superior de um eixo vertical, se dirige sempre para o norte... Ou então que a mistura do salitre com o enxofre e o carvão produz um violento explosivo que serve para carregar armas de fogo!...

Não há que duvidar!...

E são dêsse quilate quasi todas as idéias integralistas. Quando não são coisas já ditas, repetidas, tornadas banais e corriqueiras, são sentenças cheias de contradições, onde se evidenciam a intenção de tapiar o operariado criminosamente deixado na ignorância pela burguesia católica, a má fé...

Tem razão, por isso, o «Homem Livre».

Os nossos fascistas

«O Radical» órgão dos chamados «esquerdistas» que insistem em fantasiar-se de revolucionários, mesmo depois do fracasso das últimas ilusões da pequena burguesia outubrista e, entre os jornais da terra, um dos mais entusiastas turiferários do fascismo, quer do italiano, quer do alemão.

Em suma, o seu é um facismo outubrista. Tomado de entusiasmo, frequentemente, (muito frequentemente!) deixa-se escapar absurdas amenidades e alegres patranhas.

Em seu número de 20 do corrente, o jornal carjoca dedica o seu editorial ao aniversario da tomada de Roma, que, no seu dizer teria sido efetuada por Giuseppe Garibaldi.

Segundo diz «O Radical», o 20 de Setembro é uma data gloriosa para a «grande Itália mussolinica, litórica(?) e fascista», «esse gigante que abala o mundo».

As afirmações de «O Radical» são tão estúpidas que nos fazem chorar. Antes de mais nada, é preciso que os redatores do jornal outubrista saibam que não foram as tropas de Garibaldi mas sim as de Cadorna que em 1870 tomaram Roma ao Papa.

Quando Garibaldi, que já em 1849 havia defendido a república romana contra os exercitos coligados da Europa reacionária, tentou por duas vezes a sua «marcha» anti-papal sobre Roma, encontrou pela frente

as forças reacionárias da França e da própria Itália conservadora, ao contrário do que aconteceu a Mussolini em 1922.

Em segundo lugar, o 20 de Setembro, como festa nacional, já foi riscado do calendario italiano desde a assinatura do famoso tratado de Latrão.

Como exemplo djsso, neste ano, todos os jornais fascistas e as associações fascitizantes que prosperam no Brasil nem se dignaram de recordar um dia que já representou uma das datas mais importantes da historia moderna da Itália.

Numa palavra, o «Radical» presta um pessimo serviço aos seus amigos fascistas ao celebrar tão desastrosamente o aniversario da queda do poder temporal dos Papas que Benito Mussolini fez resurgir, a-pesar-de em ponto menor.

O dr. Manoel Victor, funcionario do Banco do Brasil, diretor do semanal catolico-patrianovista «O Seculo» enviou uma carta ao jornal italiano «Fafula», para protestar contra «a lenda da tirania da prepotencia e do dominio absoluto com que certas pessoas circundam ainda a figura de Mussolini».

O literato-funcionario sente-se com o coração despedaçado deante dessa infamia e se esforça por destruir a lenda «anti-fascista».

A defesa que ele faz, do «Duce»,

O capitão Goering

‘Foi o morfínômano Goering quem ateou fogo ao Reichstag’

Lord Marley, presidente do «Comité em prol das vítimas do Fascismo nacional-socialista» publicou um «Livro Pardo» sobre o incendio do Reichstag e sobre o terror hitleriano (1).

O grande numero de documentos reunidos nesse livro sobre os verdadeiros autores do incendio do Reichstag, como as atrocidades e os assassinios politicos cometidos no Reich durante os ultimos seis meses, é, sob todos os titulos, impressionante. Do prefácio que Lord Marley escreveu destacamos as seguintes palavras, que nos dão uma demonstração do método seguido na escolha do material publicado: «Não nos utilizámos — diz ele — dos documentos mais sensacionais. Cada fato consignado neste livro foi submetido preliminarmente a um exame minucioso e os casos mencionados são tipicos de uma série de fatos análogos. Poderíamos trazer detalhes mais horripilantes, mas nós fizemos ab-

tração disso justamente por seu caráter unico.»

Um dos trechos interessantes do «Livro Pardo» é o que se refere ao capitão Goering como mandante do incendio do Reichstag. Traduzimos aqui a parte que se refere á personalidade da figura mais representativa do IILo Reich depois de Hitler.

Todos os cuidados de Van der Lubbe (2) não puderam, no entanto, evitar o fracasso da segunda missão que lhe fóra confiada pelos nazis: esconder, aos olhos do mundo, pelas suas declarações «expontaneas», os verdadeiros mandantes do incendio do Reichstag. Para isso, a sua plataforma era muito insignificante e muito transparente. E todos adivinharam o embuste: viu-se e reconheceu-se o que se dissimulava atrás das costas muito estreitas de Van der Lubbe: o capitão Goering, ministro do Reich, Presidente do Conselho da Prussia e Presidente do Reichstag.

O capitão Goering nasceu em 12 de janeiro de 1893, em Rosenheim, na Baviera.

Mesmo se isto não constasse de sua biografia, logo se compreenderia que ele foi educado na «Kadetschule».

Os «biógrafos» de Goering relatam gostosamente as façanhas efetuadas por ele durante a guerra como combatente-aviador. Mas eles esquecem de acrescentar que Goering só efetuava os vôos de caça sob o estímulo da ébriedade morfíniana.

Com efeito, a seringa de morfina acompanhava-o, fielmente, em todos os lugares, e até hoje, o primeiro lugar-tenente de Hitler dela não se separou.

Os mesmos «biógrafos» contam que Goering passou os annos 1923, 24 e 25 em Roma. Aqui também esquecem de acrescentar que, em 1923, o seu herói, simplesmente, fugiu, para escapar ás consequências do fracasso do «pultsch» hitleriano. O «herói da guerra» que «voava ao assalto das nuvens» desertou ante a perspectiva de uma simples detenção de alguns meses de fortaleza. Ele não arriscava a vida, como o fazem os atuais dirigentes dos partidos operários alemães que combatem o nacional-socialismo na Alemanha ou alhures.

Enfim, lemos nos mesmos biógrafos que, em 1925 e 26, Goering esteve em Stockholm, trabalhando por conta de uma companhia de aviação. Como nos dois casos precedentes eles omitem o fato de que, pelo exame de um médico-legista, Goering, declarado louco, foi internado em 1925 numa casa de Saúde de Langbro (alguns relatórios officiais da chefatura de policia de Stockholm atestam-no formalmente).

Mais tarde, ele foi transferido para o hospício de Konradsberg, nas proximidades da capital sueca, de onde, porém, em razão de sua conduta, foi retransferido para Langbro, sendo aí submetido a rigoroso controle diário. Os estabelecimentos particulares de



saúde não quiseram interná-los, devido a recusa dos enfermeiros, e, em Langbro, teve acessos de loucura tão violentos que teve de ser transferido para a secção dos alienados perigosos.

Reproduzimos aqui (3) a ficha conservada nos arquivos de Langbro, onde se acham consignados todos os detalhes relativos á transferencia de Goering para essa casa de saúde. Assim como os seus desmentidos, ficarão vãos todos os esforços do capitão Goering para taxar de difamatórias essas acusações, feitas pelos jornais que ele faz perseguir por intermedio do governo sueco: «O «Livro Pardo» traz a prova documental irrefutável da internação de Goering numa casa de alienados.»

Há mais. Os «biógrafos» gostam de falar sobre o casamento de Goering com Karin Von Fock, casada em primeiras nupcias com o capitão Kantzon.

Após o divorcio os esposos separados recorreram á justiça para decidir sobre a tutela de seu filho Thomas.

Em 22 de Abril, durante uma das sessões, o tribunal leu um certificado do médico-legista Karl A. Lundberg, (que o «Livro Pardo» reproduz em «fac-simile»), e onde é declarado formalmente que Goering é um morfínômano inveterado. A sua morfínomania está, portanto, atestada por um ato juridico. E' inutil acrescentar que o tribunal concluiu, nessa ocasião, ser impossível confiar a Goering a tutela do jovem Thomas. Isso não impede que nacional-socialismo confie, ao mesmo Goering, a tutela de 60 milhões de cidadãos alemães.

E' esse capitão Goering o verdadeiro organizador do incendio do Reichstag. E foi o seu camarada de partido Goebbels quem teve a ideia. Goering, que a poz em execução, erunia em suas mãos todas as possibilidades e todas as forças necessarias. Foi o morfínômano Goering quem ateou fogo ao Parlamento Alemão.»

(1) «Le Livre Brun» — Universum — Bucherei, Basileia.

(2) Ao que foi constatado pelos autores do «Livro Pardo», Van der Lubbe, acusado como incendiário do Parlamento Alemão não passa de um instrumento de Goering; declarando-se comunista, quando consta que ele era um militante fascista, o seu crime serviu para justificar o amordaçamento da imprensa e as perseguições que o partido nazi desencadeou contra os inimigos politicos.

(3) O «Livro Pardo» publica fotografias de várias fichas e certificados médicos, de incontestavel veracidade.

Contribuição ao estudo da questão da unidade nacional

Tendo saído com um erro de revisão a citação de Karl Marx transcrita no artigo com o titulo acima, publicado no último numero de «Homem Livre», fazemos aqui a devida retificação. Assim pois, onde se lê: «a forma especial pela qual o sobre-trabalho não é extorquido ao produtor imediato (N. 1)», leia-se «a forma especial pela qual o sobre-trabalho não pago é extorquido» etc.

ARTE

EXPOSIÇÃO GASTÃO WORMS

O pintor Gastão Worms, que gastou 5 anos se aperfeiçoando na Europa, trouxe uma coleção de 40 trabalhos, que não interessam, absolutamente a esta secção.

Geraldo Ferraz

Frederico Gámbara

ADVOGADO

Praça da Sé 6 — 2.º sob.

Tel. 2-2157

malgradadamente, não faz sinão reforçar os argumentos dos adversários do regime dos camisas pretas.

Manuel Victor declara que o fascismo (e não o povo italiano, caro doutor!) colocou no mais alto grau de fanatismo a ideia da Patria; «mandou arar os terrenos incultos para semear o trigo; cortou as florestas com as ferrovias; abriu estradas; levou a ordem e a paz em um ambiente que a grande guerra havia minado com desordens e corrupção e implantou, finalmente, na familia italiana, esse sentimento de unidade e de coesão que constitui, sem guindastes e alavancas, (sic) os grandes monumentos de civismo e de fé».

Reproduzimos com a maior honestidade a elencação dos meritos que funcionario catolico-monarquista atribue ao ditador italiano.

Em primeiro lugar, os argumentos enfileirados pelo colaborador extraordinario do «Fafula», não anulam um ponto sequer da «lenda» antifascista.

Manuel Victor deveria ter demonstrado que na Itália existe a livre competição dos partidos, que Mussolini governa controlado por uma qualquer organização politica, que os adversarios do regimen têm a liberdade de palavra, que o fascismo não se mantém de pé graças a uma legislação de excepção, do Tribunal Especial e do terrorismo «esquadrista». Manoel Victor deveria ter demonstrado também que as prisões e as ilhas italianas não estão repletas de condenados e deportados, que os operários gozam da liberdade de organização e que o cidadão italiano conhece a liberdade de imprensa, de pensamento e de... movimento.

Ademais, teria sido necessario demonstrar que o fascismo melhorou as condições economicas do povo italiano.

Na falta disso, a lenda antifascista fica de pé intocada.

Depois disto, diremos ao senhor Manoel Victor que os seus elogios do fascismo, são em parte, falsos, e em parte, exagerados.

O fascismo pôde ter construido algumas estradas e alguns quilómetros de ferroviarias. Em onze annos de dominação, era de esperar que o fascismo não tivesse comido todas as riquezas da Itália, estradas de rodagem e de ferro foram construidas, neste ultimo decennio, em todo o mundo, inclusive o Brasil, sem necessidade de uma ditadura e de um terrorismo fascistas.

Ordem e honestidade, onde existem a desordem e a corrupção, o fascismo não trouxe, não — mas, ao contrario, deu-se o oposto.

Enfim, saiba Manoel Victor, que Mussolini não levou a paz e a união á familia italiana. Nunca a Itália foi dividida tão claramente como hoje em dois campos: o dos perseguidos e dos perseguidores, o dos desfrutados e o dos ladrões, o dos honestos e o dos fascistas. E' assim.

HELMALTO

Obrigações — Bonus Promissórias

C. I. T. A. mantém um excelente serviço de informações sobre valor, vantagens e condições dos titulos públicos.

Fazel vossos negocios por intermedio de

C. I. T. A. LDA.

Direção de Percy D. Levy
São Paulo — Santos — Rio
Caixa Postal 3740 (S. Paulo)

Drs. Bruno Barbosa e Silveira Melo

Advogados

Rua São Bento, 58 — 2.º andar
Tel. 2-3780